

332

DEPÓSITO LEGAL
MAY 1949

MUNDO GRÁFICO



A mais linda
estrêla
do cinema
sorri
aos leitores
do "Mundo
Gráfico"

PREÇO
7550

A PRINCESA NA GUERRA

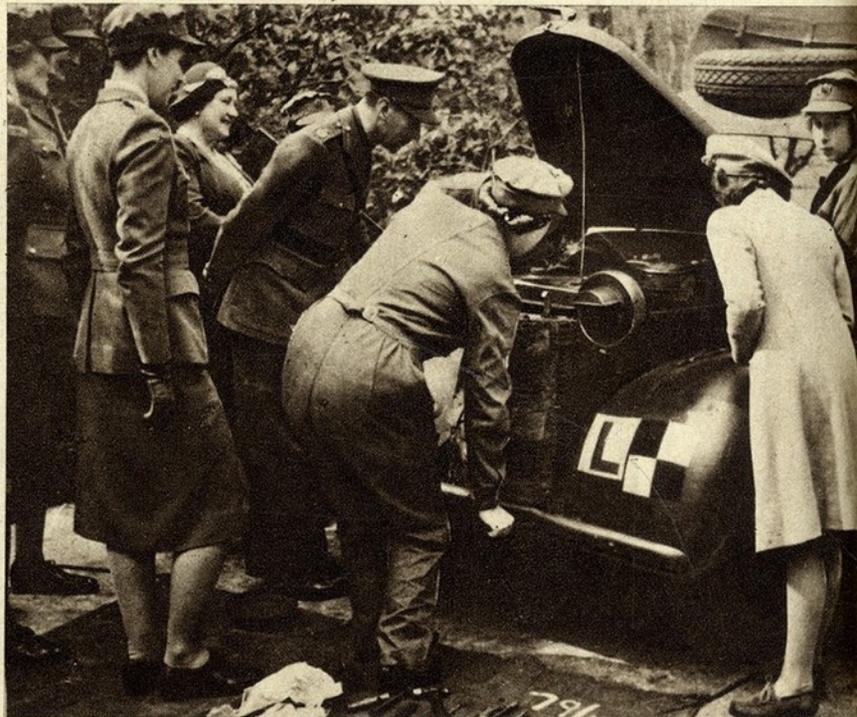
A graciosa Princesa herdeira da Inglaterra tem acompanhado, como verdadeira patriota, o desenvolvimento da guerra em todas as frentes. Ela própria, com rara energia, tem querido colaborar com as raparigas do seu País no esforço desenvolvido, em todos os sectores da vida da Grã-Bretanha, que contribuiram para a vitória final. Ela não se esquece de que será a Primeira Dama do Império e das responsabilidades, as enormes responsabilidades, que a esperam. Por isso, a sua preparação tem sido larga e intensa, não despresando os mínimos pormenores da vida inglesa em toda a sua estrutura social, económica e política.

Agora, a Princesa Elisabeth pertence, também, aos Serviços Auxiliares de Transporte do Exército Inglês, para o que teve instrução especial, recebendo a patente de tenente

(Continua na página 29)

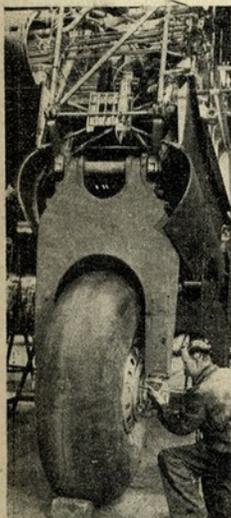


A Princesa Elisabeth já conhece todos os segredos de um motor de explosão. S. M. a Rainha observa, com curiosidade, como a Princesa resolve rapidamente uma avaria no carburador



O Rei Jorge VI e a Rainha seguem os progressos da Princesa herdeira na instrução de mecânica que recebeu. A Princesa Margareth Rose, que está de costas, junto da irmã, vê como ela soube resolver um problema difícil no funcionamento do motor. Substituir uma roda numa ambulância não é difícil, mas exige cuidados especiais... não vá ela saltar na estrada, em plena velocidade. A Princesa Elisabeth escuta com atenção as indicações da sua instrutora

REFLEXOS DO MUNDO



A roda gigantesca de um dos aviões que vão bombear a Tóquio. A produção em ritmo acelerado continua.

Epitáfio a uma mula

Uma mula morreu numa explosão, na frente da Itália. Enterrada com todas as honras de um grupo de soldados, alguém escreveu-lhe o epitáfio:

«Em memória de Peggy que, em vida, deu coices num brigadeiro, 2 coroneis, 4 majores, 10 capitães, 24 tenentes, 42 sargentos, 60 cabos, 436 de outras patentes e numa bomba.»

(De *The Daily Express*, Londres)

Provérbio para meditar...

UNRRA. — **Bedre er Brød end Fuglesang.**
(É melhor o pão do que um canto de passarinho).

(Provérbio dinamarquês)

Qui pro quo...

O Tenente pergunta à rapariga loira:

— Ainda o ama?

A rapariga loira rompe num choro:

— Não, não! Detesto-o, é o que é!

O tenente, sem perder a compostura, continua o interrogatório:

— Não ficará surpreendida se lhe afirmar que o seu noivo acaba de me dizer que a ama mais do que nunca, e que deseja casar consigo depois de conseguir divorciar-se da mulher?

Ele pediu-me que lhe perguntasse: «Quere casar comigo?»

A rapariga loira ergueu a testa:

— Oh! Certamente! — gritou

— Amo-o mais do que a tudo neste mundo!

(De *Daly Mail*, Londres)

A guerra... ao analfabetismo

Os australianos estudam ao mesmo tempo que combatem. O Corpo do Exército de Educação tem obtido notáveis êxitos nos campos de batalha. Eis aqui um estimulante exemplo: «Há quatro semanas o soldado Smith não era capaz de ler e escrever. Ontem enganou o coronel imitando a sua assinatura numa dispensa de recolher.»

(De *New Zealand Weekly News*)

Livros e leitores...

No verão passado, em Nova York, o director de uma fábrica notou que todos os seus operários liam, na hora do descanso, o livro «NÃO GUARDES PARA AMANHÃ...»

Semanas depois, interrogado sobre o resultado do progresso dos empregados, respondia o director aos amigos:

— Nem quero falar nisso. O calza fugiu com 4.000 dólares; o guarda livros sumiu-se levando a melhor secretária que até hoje tenho tido; três dactilógrafos pediram-me aumento de ordenado; os operários decretaram greve, e o groom alistou-se na Marinha.

(*Windsor Star*, Canadá)

Senso prático

O sr. Parson para o capataz que procede à plantação de batatas:

— Sabes, George, um canteiro de relva daria encanto à plantação de batatas.

George: — Muito bem, *sir* mas é curioso como ninguém gosta de comer relva.

(*The Countryman*, Oxon)



★ A VOZ DE LONDRES ★

O escritor e poeta António Pedro que tão notavelmente tem actuado na secção portuguesa da B. B. C. de Londres, dizendo ao microfone uma das suas brilhantes palestras



Depois de uma campanha brilhante no Mar do Norte, um submarino britânico regressa à base. A tripulação sorri.

NÚMERO ESPECIAL DO

MUNDO GRÁFICO

Comemorando o final da guerra na Europa, o MUNDO GRÁFICO publicará uma edição extraordinária de tiragem limitada, com mais de cem páginas, algumas delas a cores, prestando, assim, homenagem ao esforço das Nações Unidas.

Esse número, que constituirá um largo documentário das diversas fases do conflito, com os seus lances históricos culminantes, será, sob todos os aspectos, um verdadeiro monumento editorial, motivo por que somos obrigados a abrir uma assinatura especial ao preço de 10\$00 por exemplar, custo inferior ao seu valor intrínseco, duplamente histórico e artístico.

Este número não pertence à colecção dos nossos presados assinantes, devendo, os que o desejarem, fazer a sua inscrição.

Faça, imediatamente, o seu pedido, acompanhado da respectiva importância para

MUNDO GRÁFICO, L. DA
Rua das Gáveas, 6, 2.º | LISBOA



...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ONDAS	ONDAS	ONDAS	ONDAS
19.30	18,7	19,5	19,7	25,3
21.45		19,5		25,3
22.00	30,9	39,6		

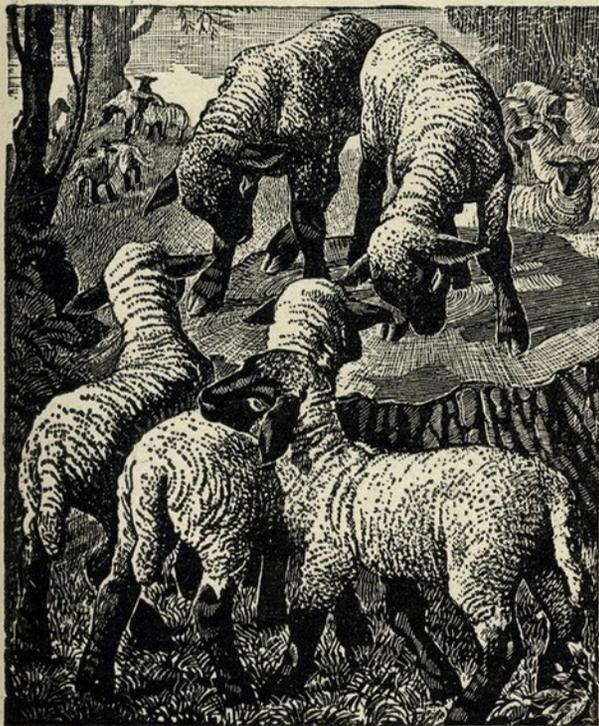
A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por intermédio da S. B. C., todos os dias, das 18,45 às 19

Emissões diárias

OIÇA A VOZ da
AMÉRICA em MARCHA

O QUE DANTE NÃO VIU!

REBANHOS



As moléstias dos rebanhos causam, todos os anos, grandes prejuízos aos criadores de gado.

O médico veterinário britânico, auxiliado pelo trabalho do investigador químico e pelos trabalhos da indústria química britânica, trabalha para os reduzir. O seu dever é tanto prevenir como dominar e curar. Para estes fins ele precisa de um vasto e crescente número de produtos químicos que vão dos sais simples aos complexos compostos sintéticos, incluindo uma grande variedade de desinfectantes e anti-sépticos para destruir os germes; compostos arsenicais e sulfurosos para combater os parasitas externos; e matérias orgânicas, tais como a fenotizina, para purgar os animais dos vermes parasitários.

A sua crescente acção sobre muitas doenças exerce-se por meio de vacinas preparadas quimicamente. A vacina para a raiva canina, por exemplo envolve, o uso da formalina, uma vacina recentemente descoberta para a febre porcina o de cristais violeta. Tudo isto representa um grande progresso, sendo um muito importante a aliança entre a profissão veterinária, o investigador químico e a indústria química britânica.



A química ao serviço do homem

IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, Londres, Inglaterra



O CARRASCO DE BELSEN

CAMPOS de concentração, entre muros altos de cemitério, de onde se não volta mais, organizados, cientificamente, com os podrideros, as gehenas, as casamatas glaciais de castigo, os fornos crematórios, os in-paces soturnos, onde a dessiccação anatómica se faz in anima vil. No meio, não uma, mas dezenas de forcas, em fila, com a sua sombra maldita, projectada na terra, os corpos pendurados, oscilando, aos arrepios do vento, a cair de maduros na podridão abandonada.

Não se ouve um grito! O terror anestesiou as próprias pedras. Ninguém se aproxima do ser humano.

Tudo ali é proibido: a vida, o sofrimento, a dor, a agonia! É a consunção vagarosa, o corpo que se desfibra dia a dia, a fome e a sede, os vivos enterrados com os mortos, num purgatório trágico que Gustavo Doré nunca imaginou nas suas tetricas estampas da «Divina Comédia».

Não, Dante não viu aquilo! Já não são corpos, mas esqueletos descarnados, vagueando sobre a terra alucinada, que mal respiram, arrastando-se como larvas e sucumbindo aos trezentos por dia, preséferos, desintéricos, úlfosos, famintos!...

Onde está a civilização, ou melhor, a decantada cultura? Quem são os responsáveis desse martírio? Como se hão-de punir semelhantes horrores?

O silêncio neste caso não se justifica, nem se compreende. A verdade é só uma, igual para todos e deve ser proclamada quanto mais não seja, já não dizemos por um elementar princípio de justiça, mas de Piedade!

O mundo está suspenso de assombro! O inacreditável também é realidade! As atrocidades estão patentes e são irrefutáveis. Dir-se-lhe que uma mancha de sangue indelecatu sobre a alma humana.

Não se trata dos excessos de uma multidão desvalhada, nem de violências cometidas no furor de um combate, mas da morte implacável, aplicada teoricamente a frio, com todas as brutalidades, durante muito tempo, num espectáculo cujo cenário eram montões de cadáveres espalhados em necropulos de vivos.

Negar esse repasto de feras, seria absurdo! Não há perdão, nem atenuantes.

Nem Deus, nem os homens, o podem esquecer!

ARTUR PORTELA



O PRESIDENTE TRUMAN *

O destino, sempre caprichoso, colocou sobre os ombros deste homem simples e amável, estranho à sugestão do orgulho e das ambições, alheias à vertigem dos exibições e da publicidade, uma tarefa gigantesca. A morte inesperada e brutal de Franklin Roosevelt fez dele o presidente dos Estados Unidos, que quer dizer, o chefe de uma nação que se colocou rapidamente na vanguarda de todas as potências de missão mundial e de significação imperial, numa viragem da sua história e da história da humanidade. As suas primeiras palavras e os seus primeiros actos anunciaram a boa vontade e a decisão que o animam de não deixar que seja atraiçoado, ou desviado, o pensamento do seu antecessor.

Continuar a guerra até à vitória, impôr aos vencidos a rendição incondicional e o castigo dos culpados, realizar uma paz de colaboração com os aliados do seu país, tais foram os capitulos essenciais do programa de acção que o presidente Truman delineou e se propõe cumprir escrupulosamente no desempenho do seu mandato.

Não era outro o programa que Franklin Roosevelt tinha assinado para o período presidencial que se iniciara no começo deste ano. Se o cumprir, de acôrdo com a sua promessa solene, o presidente Truman terá realizado uma missão de significado e de proporções históricas. Ele assumiu a direcção dos negócios públicos do seu país num momento particularmente exigente. Na última carta que o seu punhó enfraquecido traçou, Franklin Roosevelt escrevera que o mês de Abril deste ano seria decisivo para o futuro de todos os povos. O malogrado presidente queria referir-se à Conferência de San Francisco e à sua importância histórica.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A PREPARAÇÃO DO FUTURO

NÃO é já hoje possível duvidar da boa fé e da sinceridade das intenções dos homens que realizaram a paz de Versailles. Se fôsse necessária, para o seu procedimento, uma justificação histórica definitiva, essa justificação poderia ser encontrada na atitude que o Reich nacional-socialista, assumiu ao desencadear a segunda conflagração mundial, decorridos vinte anos sobre a celebração dos tratados de paz.

Que sorte foi reservada à Alemanha vencida, durante essas duas décadas perturbadas e inquietas, vividas no sobressalto constante de uma nova catástrofe a qual, finalmente, se produziu com todas as suas conseqüências? Será difícil encontrar, no decurso da História, um precedente ajustada para estabelecer o paralelo entre a decisão inexorável dos vencedores das grandes guerras do passado e o espírito de compreensão e tolerância que caracterizou o procedimento dos Aliados, em 1919 e depois dessa data.

Em vinte anos, os vencidos da primeira conflagração mundial não se tinham limitado, perante a compreensão, a tolerância ou a passividade dos vencedores, a recuperar todos os seus direitos e a apagar solenemente todos os traços da derrota que lhes fôra infligida. Puderam, nesse período histórico, recuperar a posição preponderante de que tinham sido afastados e desempenhar novamente, no continente europeu a hegemonia, directa ou indirecta, clara ou disfarçada, que caracterizara a sua política europeia desde a proclamação da unidade alemã, em 1871, e a eclosão da grande guerra, em 1914.

Das cláusulas do tratado de Versailles (políticas, militares, económicas e territoriais) nada restava quando a segunda conflagração se desencadeou. O Reich recuperara a sua posição no coração da Europa (cláusulas políticas) refizera as suas alianças e estabeleceu o seu predomínio como primeira potência continental. Refizera o seu exército (cláusulas militares) e fizera dele a mais poderosa máquina de guerra que alguma vez se construiu no mundo. Não pagara as reparações que lhe haviam sido impostas (cláusulas económicas) e tornara-se, apesar da política exaustiva de rearmamento, um centro de actividade comercial e industrial de primeira ordem. Finalmente, recuperara, com excepção do corredor polaco (cláusulas territoriais) os territórios que havia perdido em 1918. Mas, para esse prejuízo, parece que deviam considerar-se compensações suficientes a incorporação da Austria no seu território e a aneção da Checoslováquia.

Apesar disto, a segunda conflagração mundial foi desencadeada com o pretexto de que a Alemanha vencida não podia suportar, por injustas e imorais, as conseqüências da sua derrota de há vinte anos. A situação repete-se, agora, que os exércitos aliados ocuparam a maior parte da nação alemã e estão dentro da sua capital. Perante as lições esclarecedoras dum passado recente, procuram os vencedores, dever cuja realização não pode sofrer adiamentos, consiste em criar as condições para que a aventura se não repita e a reincidência se não verifique de novo.

A Conferência de S. Francisco tem por missão principal estabelecer os fundamentos seguros da futura organização da segurança mundial.

O OBSERVADOR

O dia da vitória

O dia da Vitória, da vitória merecida e legitimamente alcançada pelas Nações Unidas nesta guerra sem precedentes pela sua violência e pelas suas conseqüências, será aquele em que tiverem desaparecido, por completo, todos os sinais de resistência alemã na Europa. Tal foi a declaração solene feita pelo general Eisenhower, comandante chefe da frente ocidental, em resposta aos alvitreiros que desejavam antecipar a data daquele acontecimento solene.

É difícil conceber que fôsse adoptado outro critério e que se iniciassem quaisquer comemorações festivas, enquanto os soldados aliados continuavam a combater e a morrer desde as costas septentrionais da Noruega até às praças meridionais do Adriático. O seu sacrificio inigualável e o seu espírito de resignação, afirmado ao longo de cinco anos de luta sem tréguas nem hesitações, bem merece uma homenagem que é, de resto, ditada pelo bom-senso mais elementar. Para o general Eisenhower a guerra deve considerar-se terminada, de facto, quando tiver soado o último tiro. A sua interpretação das realidades merece a simpatia de todas as pessoas que não desejam ver relegada a guerra para o plano dos simples pretextos para efusões sentimentais.

A sorte da Austria

A sorte da Austria não deve ser indifferente a nenhum europeu. Muito menos o deve ser a qualquer dos países vencedores desta guerra. Pela sua posição geográfica, pela indole da sua população, pelo seu passado e pelas suas tradições, a Austria é um elemento imprescindível do equilibrio continental. Foi a sua incorporação no território do Reich, em Março de 1938, que iniciou a série de acontecimentos desastrosos que tiveram o seu epilogo na actual guerra. O problema austriaco, agora, que a cidade de Viena foi libertada do domínio nazi, ressurge com toda a sua acuidade e com toda a sua importância. É por isso de desejar que a solução, que finalmente vier a ser-lhe dada, não tenha o carácter transitório de um arranjo de circunstância, mais a solidéz de uma realização política perdurável. Sem êle, é de recear que, no futuro, venham a registar-se as complicações que no passado se revelaram fatais.

MUNDO GRAFICO

Director: ARTUR PORTELA

Chefe de Redacção e Editor: REDONDO, JÚNIOR

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 25240

Revista Quinzenal

Propriedade do Mundo Gráfico, L.º

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 e 10—Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Desde o dia D, as tropas anglo-americanas fizeram cêrca de dois milhões de prisioneiros

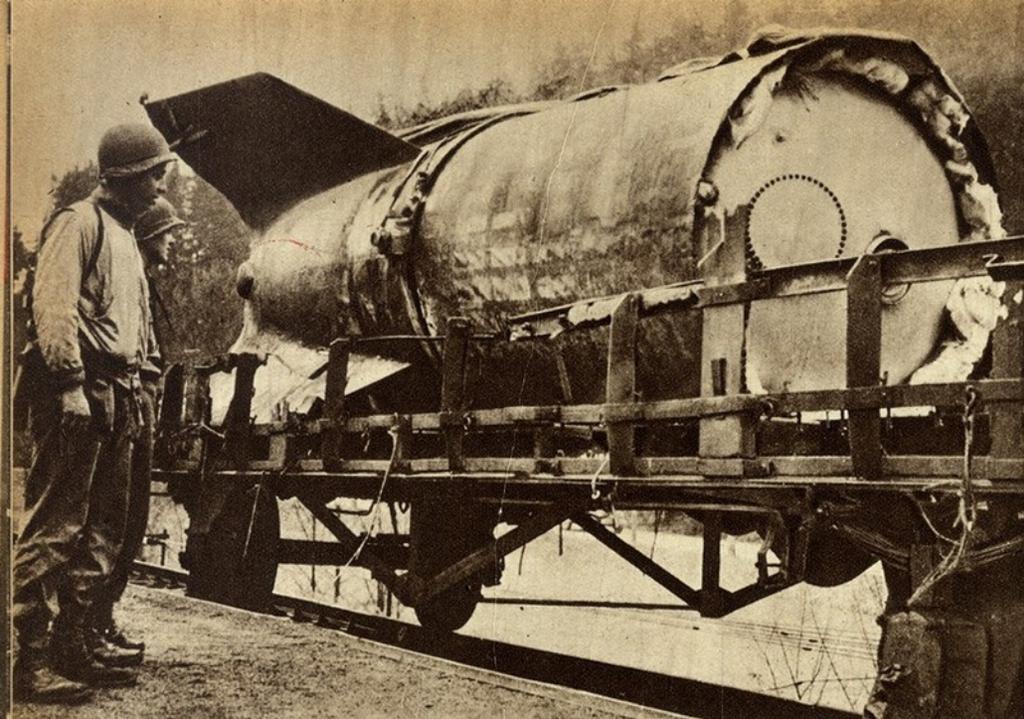
BERLIM

EM quatro meses os exércitos aliados percorreram, vitoriosamente, o caminho que vai das Ardenas a Berlim, que corre entre a fronteira da Bélgica e o coração do Reich. Medida pela progressão, no terreno, essa vitória, conseguida em tão curto prazo de tempo, seria já excepcional. Mas, é que, para além da ocupação territorial, a sua realização aparece acompanhada por uma série de circunstâncias de maior importância militar e política. Foi ela que, liquidando os núcleos mais valiosos de resistências no interior da Alemanha apressou, em condições inesperadas, a decisão do conflito.

Há quatro meses, Rundstedt desencadeou o seu contra-ataque na fronteira belgo-luxemburguesa. O primeiro sentimento que essa decisão provocou foi, naturalmente, de surpresa. Os objectivos do marechal alemão eram conhecidos e ambiciosos: romper a frente anglo-americana e tomar Liège, numa primeira etapa; entrar em Antuérpia e atirar os aliados para o mar, como aspiração mais ardente. Todos êles se malograram, perante a decisão e o sangue-frio do Alto Comando aliado. Eisenhower e Montgomery improvisaram, rapidamente,



Começou a grande ofensiva na Italia. Mais uma seta que se aponta ao coração da Alemanha. Como se conquista uma fábrica ocupada pelo inimigo



a resposta provocada pelo último avanço da Wehrmacht.

Em fins de Dezembro, uma coisa era já evidente: Rundstedt, apesar da sua tradição de chefe cauteloso e sabedor, decidira se pela batalha antes de os Aliados haverem alcançado o curso do Reno e empenhara nela a maior e a melhor parte dos seus recursos. As consequências desta decisão tornaram-se também patentes. É evidente que não lhe seria possível deter o avanço aliado no dia em que este fôsse servido por meios suficientes poderosos. Por outro lado as perdas suportadas revelar-se iam insubstituíveis no momento crucial em que a decisão se impusesse.

Foi isso o que efetivamente veio a acontecer. O papel decisivo que o 2.º exército britânico, incorporado no 21.º grupo de exércitos, desempe-

(Continua na página 25)

Já não cai sobre a Inglaterra o fogo indiscriminado das bombas voadoras. Todas as bases donde eram arremessados esses engenhos foram conquistadas pelas tropas inglesas e americanas



Estas mulheres, uma italiana, outra francesa, outra holandesa, e uma escrava, sorriem aos soldados ingleses vitoriosos



Às portas de Berlim. A última barreira do lado Ocidental, o Elba, já foi transposta



O humor inglês. Numa das margens do rio Wesel, um soldado encontrou um capacete kaiseriano da última guerra. E é, assim, sentado num cómodo maple, que ele lê as notícias chegadas de Londres

OS REIS DE INGLATERRA À SAÍDA DE WESTMINSTER

O Rei Jorge VI é o primeiro soldado do seu Império. Nos piores dias desta guerra, quando a Grã-Bretanha estava só na luta e a Luftwaffe despejava todo o peso das suas bombas sobre Londres e Coventry — nessa batalha formidável que destruiu o poder da força aérea nazi — o soberano e a Rainha ficaram no seu posto da primeira linha de fogo. Nunca abandonaram a capital, num exemplo magnífico de energia, de heroísmo e de confiança nos destinos da Grã-Bretanha.



Os soberanos ingleses à saída de Westminster, depois de ali terem assistido a uma cerimónia religiosa

LIBERTAÇÃO

O SORRISO DE LONDRES



A grande e heroica cidade vive já as horas entusiásticas da vitória. A sua população, que nunca deixou de sorrir, através de todas as provações, viu chegar, nesta primavera, depois de quase seis anos de luta, o fim dos seus sacrifícios. As luzes voltaram a acender-se em todas as cidades da Grã-Bretanha. Eis uma cena no Jardim Zoológico de Londres

Os soldados ingleses e canadianos libertaram quasi a totalidade do território holandês. As populações recebem-nos com alegria, esquecendo as dores e as provações passadas. Eis dois pequenos neerlandeses, cada qual com uma máscara anti-gás, apanhadas a um soldado alemão saudando as tropas vitoriosas



É O FINAL!



Como as tropas inglesas se batem. Nas ruas de Arnham, a grande cidade holandesa, que era um dos pontos fortes do invasor, a infantaria britânica lançou-se ao ataque, e, no meio da fumaça e da explosão da metralha, venceu o inimigo numa das batalhas mais brilhantes desta guerra



Uma visão aérea de Berlim. A capital do Reich já se apresentava assim, mesmo antes das forças das Nações Unidas ali terem entrado, num ataque relâmpago. A R. A. F., durante meses consecutivos, e as formações aéreas americanas, atacaram, incessantemente, tôdas as suas fábricas e instalações militares. A Unter den Linden, que é o centro da cidade, não tardará a ver passar as forças vencedoras



Os soldados curvam-se sob o fogo do inimigo, mas avançam sempre. Para trás, ficam os cadáveres de alemães
 Paraquedistas ingleses em acção, na retaguarda das linhas inimigas. Eles, carregam, impetuosamente, sobre as posições dos nazis

MUSEU RENOVADO



«Adão e Eva», de Canto da Maia. Repare o leitor que, por coincidência fotográfica, a mãe Eva se parece nas linhas escultóricas, com esta descendente do século XX

REABRIU há pouco, poder-se-ia dizer modernizado, o Museu Nacional de Arte Contemporânea facto que marcou uma louvável iniciativa de arte. Não podemos deixar de felicitar o seu director, o ilustre escultor Diogo de Macedo, que, orientando a remodelação do Museu lhe imprimiu uma expressão verdadeiramente actual.

O arranjo das salas, e a luz suavemente distribuída dão às obras ali expostas o seu intrínseco valor sob o aspecto plástico e de colorido.

Nem fazia sentido que os nossos mais representativos valores da pintura e da escultura contemporâneas, estivessem tão envoltos em sombra. Diogo de Macedo assim o compreendeu e daí a sua acção de artista ter-se sentido na inovação do Museu. Pois, sem grande esforço, nota-se em todo aquele conjunto de beleza a influência do seu espírito criador.

Além do pátio-jardim onde estão colocados trabalhos dos nossos mais notáveis escultores o Museu dispõe de oito salas — que são admiráveis galerias — onde se podem ver, numa parada representativas, as telas dos nossos artistas plásticos contemporâneos.

Na pintura, Columbano, Visconde de Menezes, Malhoa, Carlos Reis, Veloso Salgado, Varela Aldemira, Portela Júnior, João Reis, Abel Manta e tantos outros cuja lista seria infundável. Na escultura, Soares dos Reis, Teixeira Lopes, Leopoldo de Almeida, Simões de Almeida (Tio e sobrinho) Francisco Franco, Canto da Maia etc.

Lisboa tem agora o seu lugar próprio de consagração de artistas. E o público, que parecia andar um pouco arredio destas «coisas» de arte, pode prestar o seu culto admirativo aos seus elei-

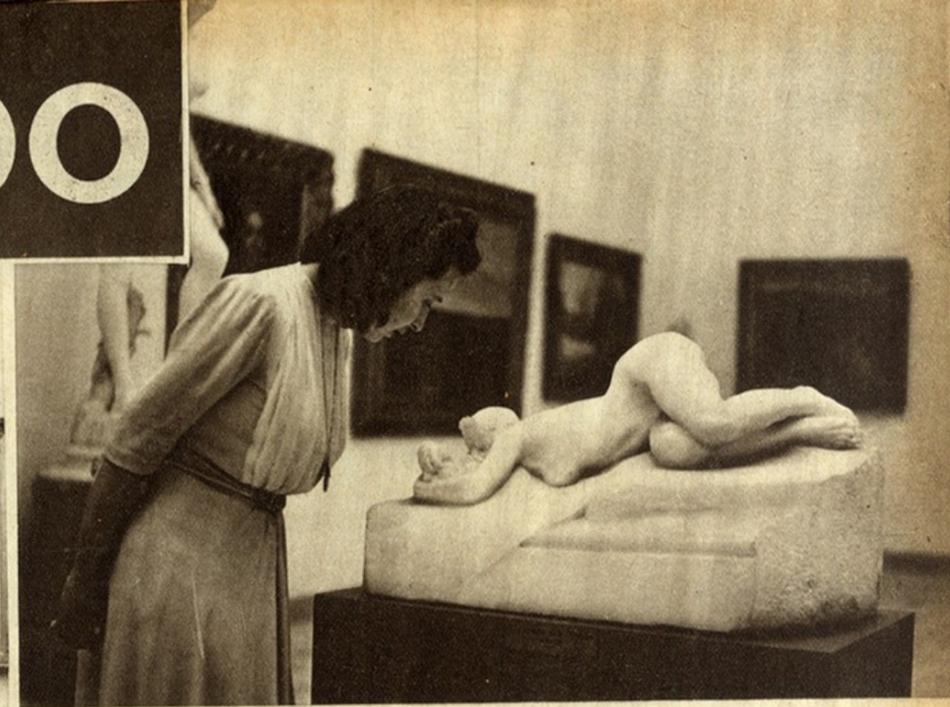
(Continua na página 29)



Dois telas representativas da pintura do fim do século XIX. Nem em tudo o maisnado foi detestável — como é de mau hábito dizer



O fotógrafo beslumbrado

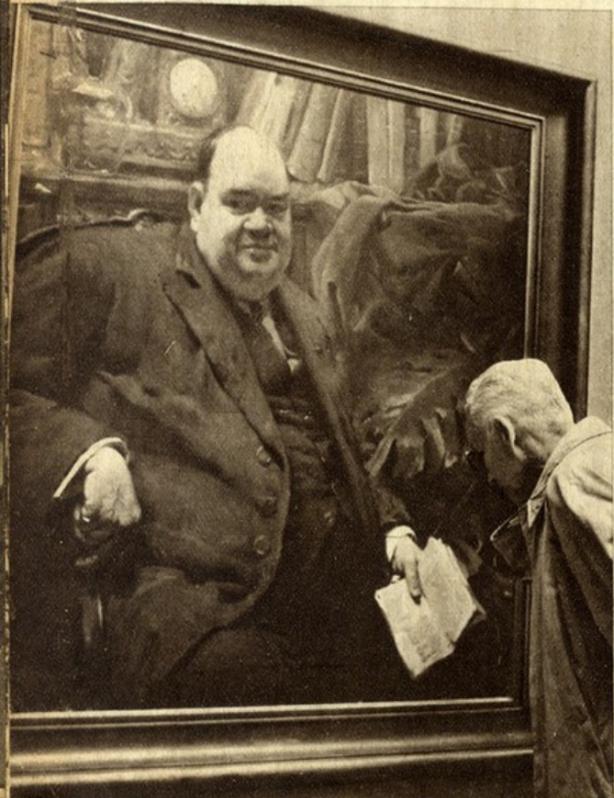


«Salomé», do falecido escultor Francisco dos Santos. O vigor das formas do modelo surpreende e encanta as próprias jovens apaltonadas pela vigorosa arte de esculpir



A expressão desalentadora do «Desterrado», de Soares dos Reis, parece impressionar estas duas gentis visitantes

← Dois entendidos em escultura examinam e comentam um busto de senhora



Quem sabe se o espírito do taumaturgo ainda fará milagres? Onde há jovens belas os milagres são sempre possíveis

Carlos Reis fixou, nesta admirável tela, o espírito de um dos nossos mais gloriosos comediantes desaparecidos. Não veremos necessidade de lhe citar o nome: todo o mundo o conhece



O Rei e a Rainha assistem à final da Taça de Inglaterra, em Futebol. A princesa Elisabeth aparece, pela primeira vez, em público, com a sua farda de tenente das A. T. S. À sua esquerda, vê-se o príncipe Olavo, da Noruega



Stettinius, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos, conversando com Molotov, delegado russo à Conferência de S. Francisco



A duquesa de Kent, quando recentemente visitou uma estação de bombeiros americanos, na Inglaterra. Junto dela, o homem que comandou o primeiro raid a Tóquio — Doolittle

ACTUALIDADES INTERNACIONAIS



Londres vai ressurgir mais grandiosa das feridas da guerra. Uma máquina especial trabalha na remoção de escombros no local onde vai ser construído um novo edifício

MÃE FRANCESA

por ANTUNES DA SILVA

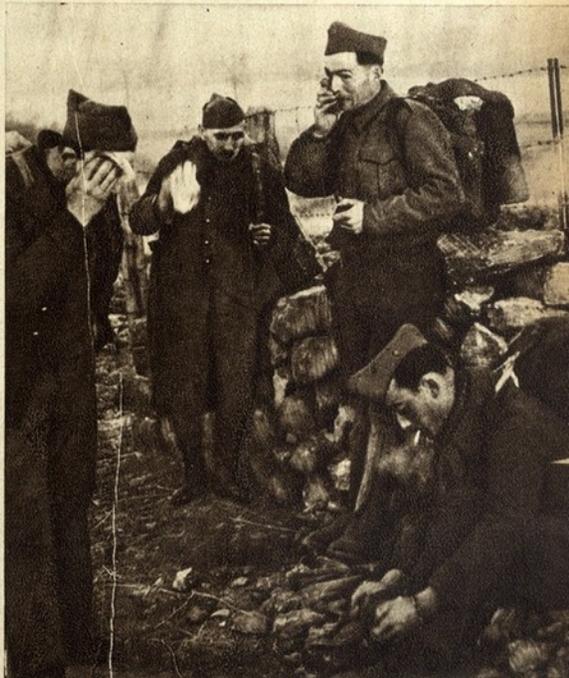
NADA se fazia de extraordinário em Lion sem se consultar madame de Rilac. Antes da guerra, o povo suspirava pelo futuro ajuizando da História. A França pretendia vencer, acarinhando as glórias do Passado. Mas a vida caminhava inegavelmente para uma decisão mais humana e menos lírica. Em Lion, nas praças e nos jardins, o povo falava como em qualquer outra parte. Madame de Rilac, nessa data, vivia num bêco e trabalhava na loja dum fabricante de licores. Viúva, quarentona, tinha um filho de nome Romain, que aprendia violino com um maestro vizinho. A casa onde habitavam situava-se num terraço antigo e dava costas à cidade. À noite, à luz do petróleo, quando ao longe se ouviam as cornetas dos quartéis, os dois entretinham-se a discutir as últimas notícias dos jornais.

De súbito, a guerra estourou. O Governo deu em mobilisar classes antigas e modernas. A França, submergida na dúvida, teria que cumprir tratados que assinara e a honra impunha-lhe, mais uma vez, um rasgo de coragem. Madame de Rilac ficou suspensa. O marido fôra soldado da outra guerra e ela sabia histórias sombrias que não contava a ninguém. Exigiu, então, do filho o cumprimento imediato do dever. Romain, aos catorze de

(Continua na página 23)



O velho francês, que combateu na outra guerra, abraça o filho que lutou nesta

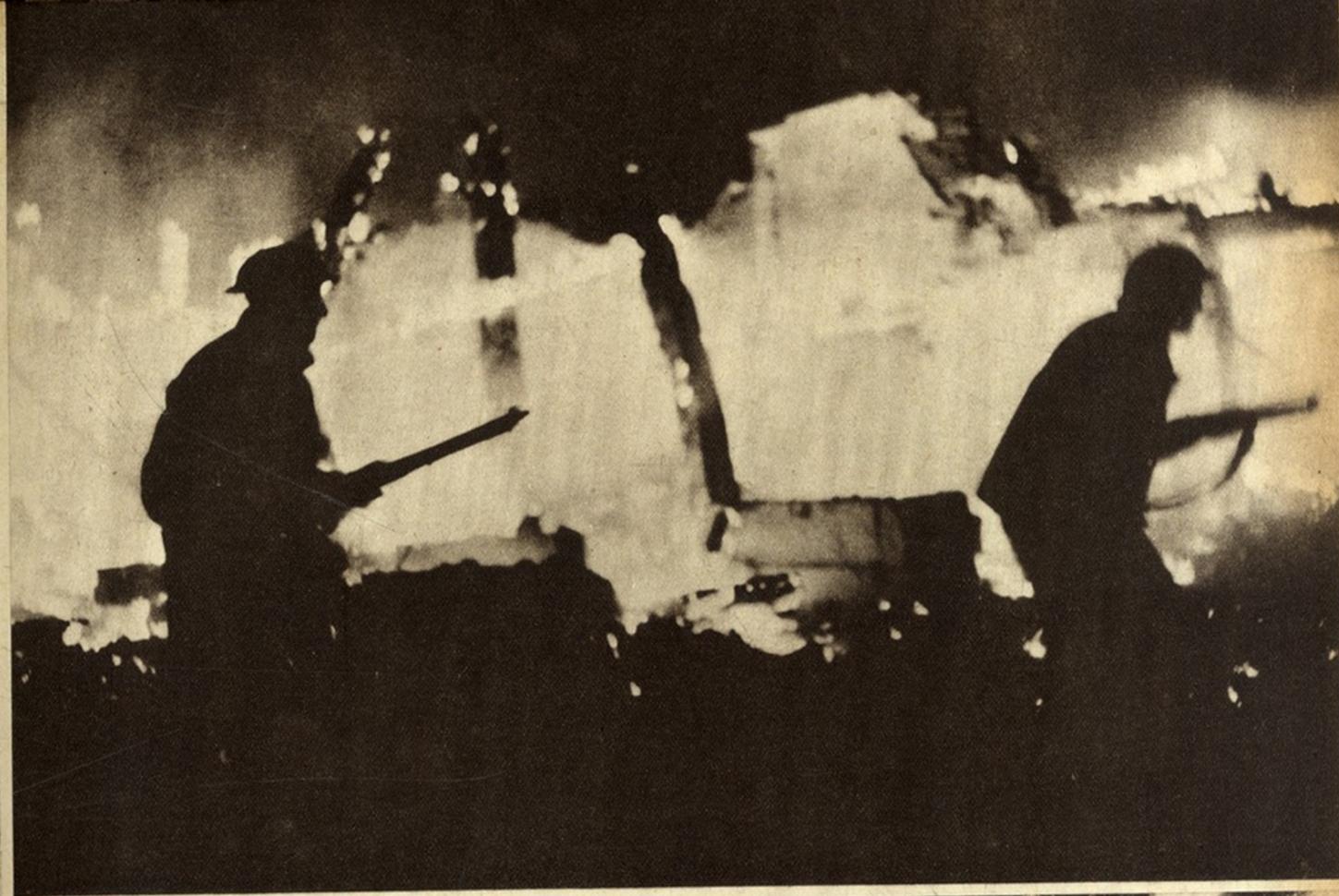


Os soldados franceses, bem como os trabalhadores que foram compelidos a trabalhar na Alemanha, voltam aos seus lares, libertados pelas tropas anglo-americanas

A caminho da pátria



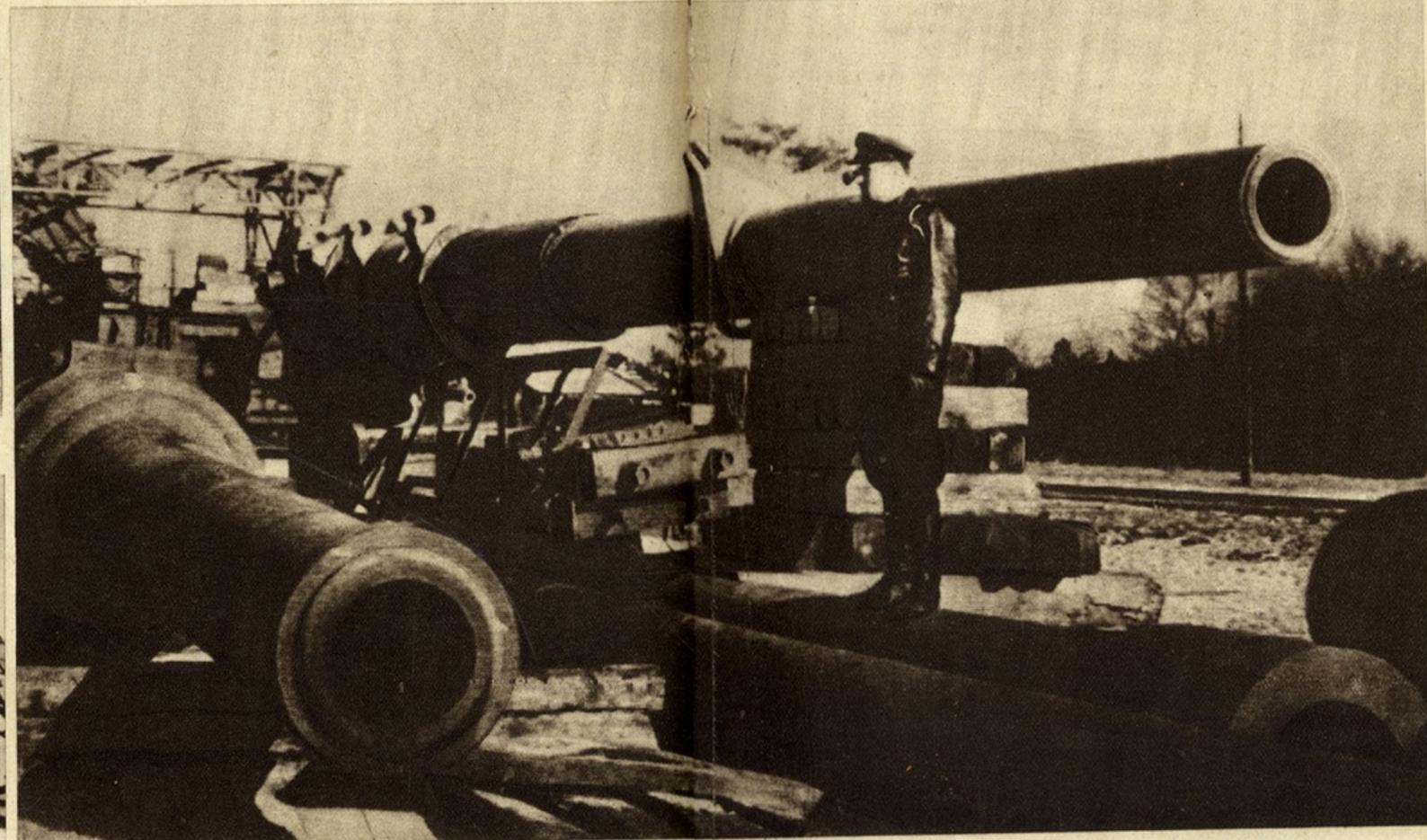
Estas magníficas bombas de dez toneladas, as mais pesadas e do último tipo, são transportadas pela R. A. F. para bater as forças inimigas e desarticular as suas vias de comunicação



Através dos incêndios das cidades, a infantaria britânica avança. Foi assim que Montgomery atravessou o Elba e se encontra, agora, em Hamburgo

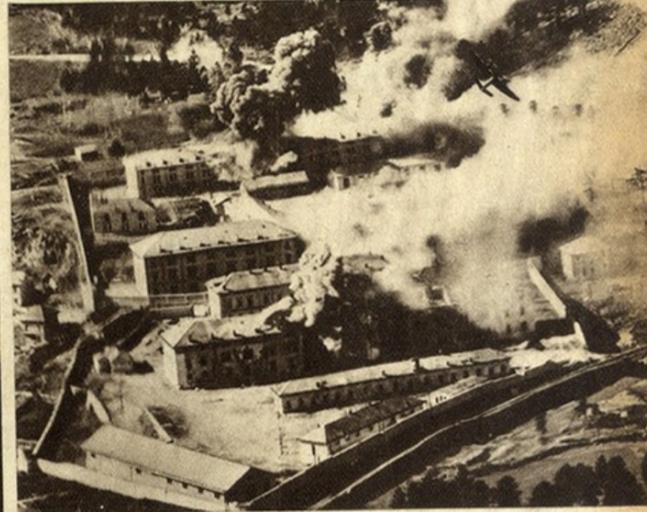


As crianças da Holanda recebem, assim, as tropas imperiais. Os homens e as mulheres foram deportados ou auxiliam, agora, os aliados



Por toda a parte se acumula, em proporções fantásticas, o espólio bélico dos alemães. Estes canhões de grosso calibre estão reduzidos à sua inocência de aço

Num tank capturado, intacto, ao inimigo, o sargento Syd Smith, de Morpeth, Northumberland, toca no seu harmónio uma marcha vitoriosa



Em qualquer ponto da Europa. Quartéis de alemães bombardeados por Beaufighters, com resultados evidentes



Tropas paraquedistas em acção. Pertencem aos exércitos do general Montgomery. Um canhão anti-tank, em posição, numa rua de Emmerich





Constant é um notável bailarino cómico

O HOMEM QUE DANÇA NO ESPAÇO

— **C**ONSTANT é um bailarino quasi desconhecido do público e, no entanto, a sua técnica e expressão podem equiparar-se à dos grandes artistas mundiais. Trabalhou já nalguns dos nossos teatros e fez parte do «Verde Galo».

Não é um bailarino clássico mas de expressão, onde o grotesco é género que ressalta.

Os seus bailes são quadros vivos com tintas dos mais variados tons: No seu grotesco existe algo de doloroso e de alegre — «nuances» profundas da vida. Vemos aqui algumas das suas atitudes em dois dos seus bailados mais representativos: «O Espantalho» e «O Arlequim».

«O Espantalho» é o valente que os pássaros temem. Boneco de palha, folgazão, o homem serve-se d'ele para guardar as searas, a coberto do seu grotesco e arrebiques. E «O Espantalho» julgando-se valente, pensado-se forte, ensaia uma vida animada, sem preocupações — salta, dança, gesticula. E quando o homem, seara já ceifada, o atrai, esquecido e inútil, a um canto, «O Espantalho» cai então na realidade: não é mais do que um boneco, apenas um boneco de trapo.

«O Arlequim» é o comentador da vida, que, de forma burlesca, vai mostrando o que há de grande e de mesquinho no ser humano. Ironisa, despegado de paixões e fantasias, d'esses sonhos e paixões que compõem as almas. «O Arlequim» esquece (ignora talvez) que existe coração.

Vemos Constant numa das gravuras com Linda Rosa, discípula que lhe serviu de «partenaire» no bailado «1900».



Constant dança no palco como no ar



Por vezes, tem expressões grotescas de grande efeito coreográfico



A fantasia num bailado sentimental



A graciosidade de Arlequim



Um diabólico salto em altura



Constant numa das suas mais expressivas criações — O Espantalho

Fotos de M. dos Santos Alves

EM TEMPO DE GUERRA



Um polícia com capacete de aço, de guarda ao pé do seu posto protegido por sacos de areia, numa ponte de Londres

ANTES da guerra, o povo britânico viajava de automóvel. Nos fins de semana e, durante as férias, os habitantes das cidades lá iam — para o mar, para as montanhas distantes, para pequenas azinhagas tortuosas, correndo através do campo. Faziam piqueniques em bosques frondosos ou tomavam chá em casais ou lindas casas de campo, de teto coberto de palha. No mês de Agosto, no «Bank Holiday», um dos quatro dias do ano em que é feriado para todo

o país, 3.000 carros por hora desciam a estrada principal de Londres para a costa sul. No último «Bank Holiday» antes da guerra, 2.500 motocicletas foram para a França de automóvel, e a Associação dos Automobilistas projectou 170.000 itinerários diferentes para condutores que viajavam na Grã-Bretanha durante as suas férias. O número total de veículos movidos mecânicamente que tiraram licenças durante três meses, em 1938, foi de 2.938.485.

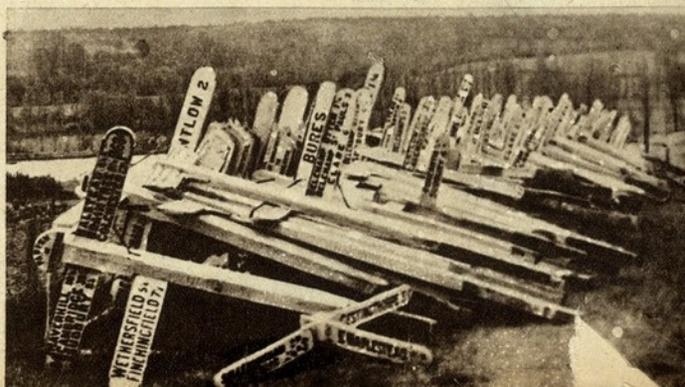
Ao começar a guerra, as coisas mudaram. A gasolina, tão precisa para o esforço de guerra, foi racionada. Os pneus começaram a tornar-se escassos. Em seguida, em Julho de 1942, mesmo esta ração foi abolida, fora os casos de grande necessidade. O resultado foi que no «Bank Holiday» de Agosto de 1942, só se contaram quatro automóveis particulares em quatro milhas do West End de Londres. Num domingo de Julho, sobre um percurso de 22 milhas da estrada de Londres para Cambridge — onde, habitualmente, nos domingos de paz e quando estava bom tempo, se viam 2.000 carros particulares por hora — havia apenas dez carros particulares, quatro motos, seis carretas de cavalos, e uma bomba de incêndio. Um dos carros era conduzido por um caixeiro viajante, com amostras; outro, por um homem com o seu uniforme da Defesa Civil. Dois dos motociclistas

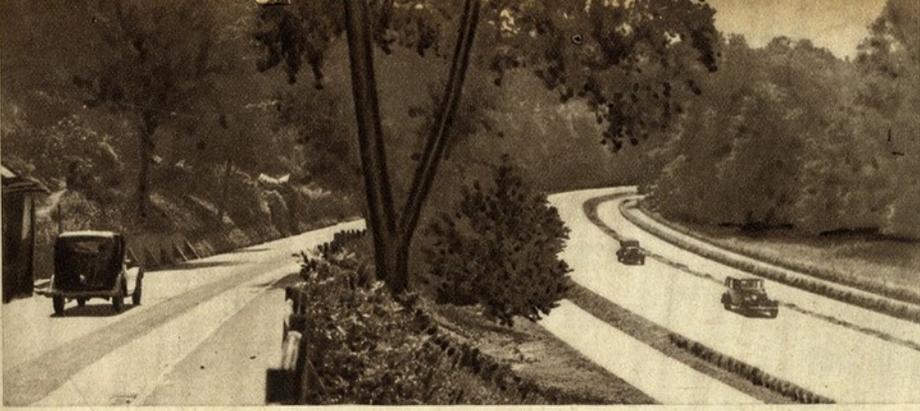
eram da Guarda Metropolitana, com as suas espingardas. A guerra trouxe outras mudanças às estradas Britânicas. Depois da queda da França, em 1940, quando a Grã-Bretanha estava só, apenas com um pequeno vale de água entre ela e os seus inimigos, as tabuletas indicadoras ao longo das estradas foram retiradas, para evitar que servissem o inimigo no caso de uma invasão. Disto, naturalmente, resultou tornar-se mais difícil aos próprios ingleses a possibilidade de encontrar o seu caminho nas partes do país que não conheciam bem.

Agora quasi todos os letreiros foram novamente colocados. Sinais novos e esquetes apareceram. Um grande "S", por exemplo, indicava que o lugar próximo de um abrigo contra as bombas. Sacos de areia — uma protecção contra as explosões das bombas inimigas — apareceram nas cidades. Havia menos camionetas nas estradas. Uma rede protectora cobria as janelas das camionetas, para evitar os estilhaços devido às deslagações.

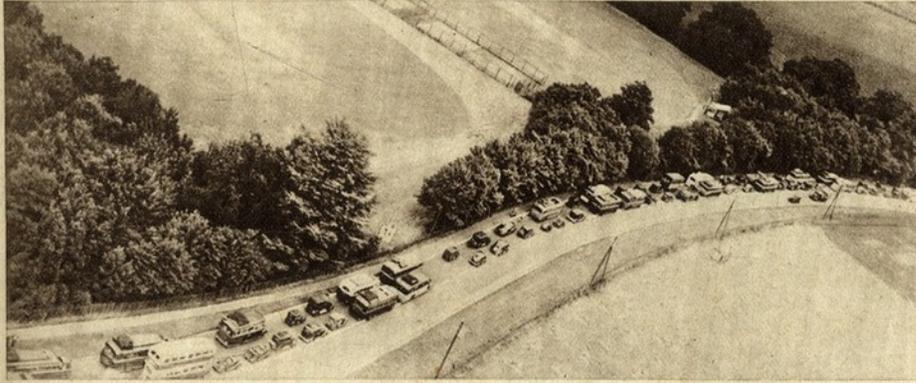
(Conclui na pág. 20)

Um monte de letreiros que foram retirados das estradas britânicas, em 1940





Uma das estradas mais modernas e melhores da Grã-Bretanha, com uma calçada para peões e um caminho para ciclistas



Uma aglomeração de carros, antes da guerra, sobre uma das mais importantes estradas, no campo, na Grã-Bretanha. Com o novo plano para novas estradas na Inglaterra do após-guerra, isto não tornará a acontecer



Uma estrada movimentada antes da guerra. Durante três meses, em 1938, tiraram-se licenças para 2.938.485 veículos movidos mecanicamente



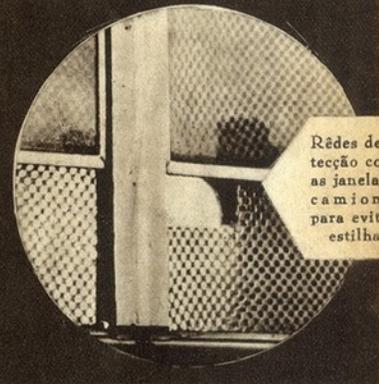
Desde a guerra, a gasolina da Grã-Bretanha tem sido quase completamente reservada para o esforço de guerra. Agora, há menos carros nas estradas, e mais peões



Quando a guerra reitou, sacaria fiz a sua apas nas cida



Este indio mostra q encontra ximo um go conti bomb



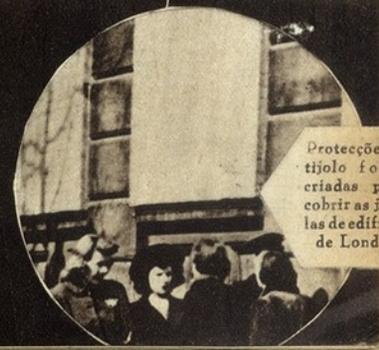
Rêdes de teção co as janela camio para evit estilha



A gue têm for os cavalos carretas e dar de nas estra



A esquerda, um policia britânico durante um ataque aéreo, com o capacete de aço, a máscara de gás, e pronto para tudo. À direita, um policia britânico durante um período calmo



Proteção tijolo fo criadas p cobrir as j las de edif de Lond

NATAÇÃO

A ACTIVIDADE DO SPORT ALGÉS E DAFUNDO

ENTRE os clubs que, no nosso meio, mais se têm evidenciado no desenvolvimento da nataçào, cabe a primazia ao S. A. D. que nos seus trinta anos de existência tem criado os melhores atletas da especialidade. No lote, já grande, de campeões que ali iniciaram a sua carreira, desde Rodrigo Bessone Bastos, Basilio dos Santos, Alves Miguel e tantos outros, até aos mais recentes, Maria de Lourdes Bessone Bastos, Fernando Sacadura, Guilherme Patrone e os que despontam, como Lucilla Angeja, Manuel Moraes, João Franco do Vale, Rafael Ramos, Henrique dos Santos, quantos e quantos não lhe são devedores dos ensinamentos que ali colheram e até da aura que disfrutam!

Foi o S. A. D. o iniciador das competições internacionais tendo trazido até nós algumas equipas espanholas, húngaras e outras que em 1911, 1935 e 1939 competiram com os seus atletas no magnífico stadium náutico que possui. Tentou, ainda, trazer a Portugal mais algumas equipas, nomeadamente Inglesas e belgas, mas a guerra prejudicou essa iniciativa sem, contudo, a serem abandonado e desejando torná-la realidade logo que a situação o permita. Mas a sua actividade não pára e a preparação dos seus representantes é intensa como o demonstra o calendário das provas em curso.

Tendo realizado o torneio da primavera, organizou 4 equipas de infantis e 4 mistas para em Maio disputarem entre si um torneio de «water-polo» a que se seguirá, em Junho, as festas do seu 30.º aniversário com várias provas e a disputa da taça Eugénio Picardo, em homenagem ao que em vida foi dos mais dedicados e um dos fundadores do clube. Em Agosto, promove dois grandes festivais com oferta de algumas taças aos mais classificados e destíle de todos os seus representantes desportivos. Seguir-se-á, em Setembro, uma gincana e um «sketch» náutico para em Outubro encerrar a escola de nataçào.

E para remate de tanta actividade, mantém o S. A. D. um curso de monitores sob a direcção competentíssima de Rodrigo Bessone Bastos e Fernando Sacadura que também orientam e preparam os nadadores que deverão representar o club num próximo Portugal-Espanha. Eis, em síntese, o que é a acção do S.-A. D., um club que cria atletas e a quem se deve o desenvolvimento da nataçào no País.

M. S. P.



Agosto de 1940, apresentava-se no regimento de artilheiros como voluntário. A mãe abandonou a seção da fábrica e quis servir como enfermeira no mesmo regimento. Recusaram-na. A sua idade e o seu oferecimento prematuro não estavam conforme o regulamento do Estado.

É, então, que em Lion, ainda quando a guerra mal tinha imposto à França um destino tão doloroso, o povo olhou a senhora de Rilac como o símbolo da mãe francesa. Nas cidades e nas vilas o murmúrio das ideias opunha-se à rapidez da ação guerreira. Os homens discursavam nas praças e os heróis morriam nas batalhas. As mulheres desesperavam-se ao ver partir os maridos, filhos e pais — e as crianças olhavam o azul sereno do firmamento alheias à contenda bruta das armas.

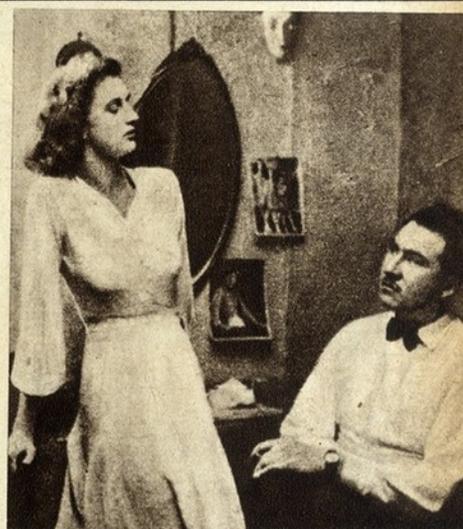
Madame de Rilac vivia ainda no terraço antigo. Ia às reuniões da casa de um senhor Ferdinand, seu vizinho, e aí expunha toda a lisura do seu patriotismo e da sua coragem.

Que pasmo! Na própria vertigem da luta, até no próprio descalabro da derrota, o povo de Lion soube conquistar o seu lugar no coração de toda a Europa honesta. As balas destruíam as cabanas dos pegureiros. Que importava, se a França combatia! As bombas dos aviões atingiam as casas dos lavradores e os aglomerados das cidades. Mas que importava se a França combatia! Nunca um povo foi tão paciente nas amarguras do seu destino. Madame de Rilac sabia que a vida valia bem o sacrifício da sua idade. A notícia da morte de Romeln na frente belga, dita por um edital colado na parede do edifício da Prefeitura, compungira-a extremamente. Mas, madame de Rilac depressa venceu o desânimo que tal notícia provocara. Falou em casa de monsieur Ferdinand. Para o povo, para as mulheres, para as crianças. Aos seus olhos de mãe — e de viúva — a vida continuava a valer um sacrifício. Munida duma sombrinha, com um chapéu velho na cabeça branca e um lenço preto amarrado na mão, falou para os heróis:

“... Vou partir, companheiros. Que cada um de vós cumpra o seu dever para com a Pátria. Que cada um de vós se lembre da ultrajada terra francesa no momento em que os céus fôrem escurecidos pelos aviões e a nossa cidade pisada pelos passos importunos do inimigo. Que cada um de vós, homens de Lion, heróis de amanhã, cumpra o seu dever para com a Pátria. Lembrem-se! Lembrem-se que a França é a pá-

(Conclui na página 30)

UM CRIME NO “MUSIC-HALL”



TONY KENDALL, perito no lançamento de faca e um dos melhores números do programa do «Plaza», pedia à aliciante Lucille Sydney: «Não queres ser a minha partenaire?»

Lucille, carregando as sobrancelhas, perguntou-lhe: «Que é feito da tua parceira Mary?». Tony sorriu. — Já não serve — respondeu. — Preciso de uma pessoa mais jovem que ela.

(Este diálogo foi esgotado por Mary, que estava atrás da porta).

DEZ minutos depois, um «groom» ouviu Mary e Tony discutirem violentamente. Mary dizia: «Com que então estou velha! Não imagines que será tão fácil livrar-te de mim. — Antes disso, darei cabo da Lucille!»

Na noite seguinte, o empresário do teatro telefonava à polícia informando que Lucille Sydney fôra assassinada no «boudoir».



NESTA altura entra em cena (real) o inspector Cobbe. Lucille estava estendida no chão, com um punhal nas costas cravado quasi até ao punho. A sua dama de companhia, Mrs. Hilary, declarou, lacriminosa: «Ela estava de pé diante do espelho enquanto eu lhe preparava o vestido. De repente, a porta se abriu e alguma coisa deslizou pelo quarto dentro. Lucille caiu no chão...»

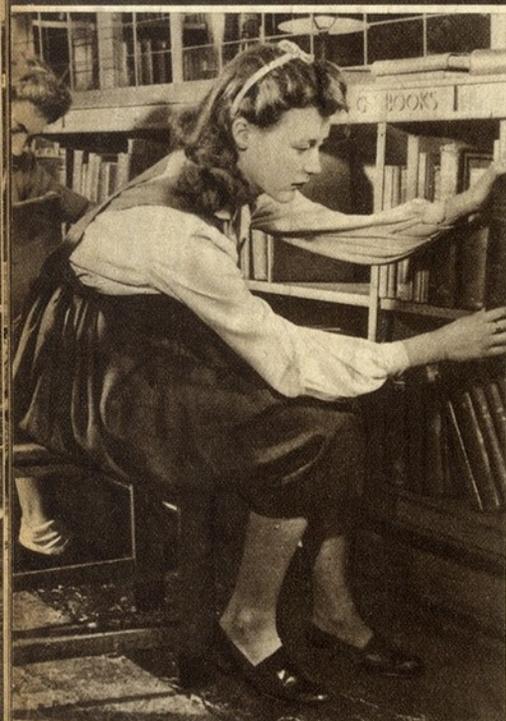
«Ovi passos de quem corria no corredor».

— Não viu ninguém? — perguntou-lhe Cobbe. Mrs. Hilary: «Não; o corredor estava às escuras». Cobbe mediu a distância entre o corpo e a porta: exactamente catorze pés; ouviu as declarações do «groom» e arguiu Mary, que disse: «Estou realmente contente com a sua morte, mas não intervim em nada!... Sim, sei lançar uma faca».

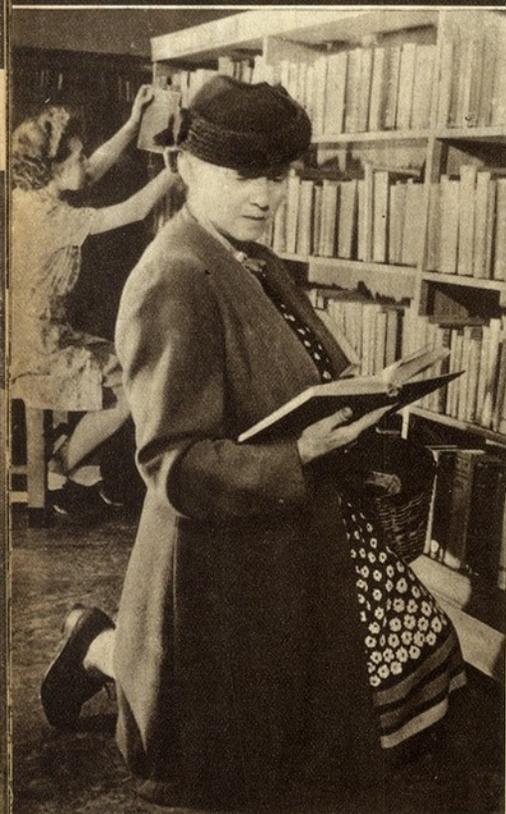
QUEM ERA O CULPADO?

(VER A SOLUÇÃO NA PÁGINA 30)

TODOS LÊEM



Duas das assistentes mais novas da biblioteca, arrumando e classificando os livros. O sistema das bibliotecas públicas é um dos mais eficientes e dos mais preciosos serviços sociais da Grã-Bretanha



Uma senhora interessada em História e Literatura inglesa, escolhe a obra que vai ler. Estudantes e estudiosos encontram nas bibliotecas quanto possa interessar-lhes

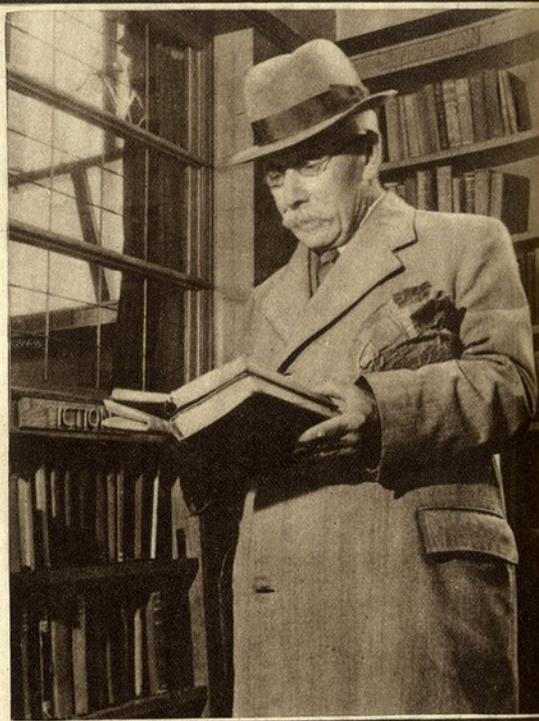
UM dos serviços sociais de maior valor na Grã-Bretanha é o das bibliotecas públicas. Em todas as cidades da Grã-Bretanha existe uma biblioteca para ser utilizada pelos seus habitantes e, absolutamente, livre de encargos. Nas cidades maiores, existe, até, mais do que uma. Birmingham, por exemplo, uma grande cidade industrial dos Midlands, tem 26. Estas bibliotecas estão bem fornecidas de livros sobre todos os assuntos — arquitetura, história natural, sociologia, matemática, novelas etc. — e de literatura de todas as nações. A estas, acorrem estudantes pequenos das escolas, aqueles que têm interesses especiais e favoritos, não faltando os que necessitam de recrear o espírito com novelas e poesias. Além dos livros que os frequentadores das bibliotecas podem levar para suas casas, existem os de informações que podem ser consultados na biblioteca, e nas salas de leitura, onde há jornais e publicações.

Cada biblioteca está a cargo de um competente bibliotecário — homem ou mulher que tenha passado o seu exame sobre organização e administração bibliotecária — e pessoal assistente.

Estas bibliotecas, a que o povo inglês está hoje completamente habituado, foram disputadas e adquiridas há quasi cem anos.

No princípio do século XVII existiam já em Inglaterra algumas que pertenciam ao município, mas eram poucas e não muito frequentadas. Em 1847, Edward Edwards, do pessoal do Museu Britânico, começou a escrever artigos e panfletos, fazendo ver a necessidade de bibliotecas populares. Atraindo, assim, a atenção de um dos membros do Parlamento, em 1849, efectuou-se a primeira reunião de membros puramente escolhidos pelo Parlamento para estudarem a melhor maneira de se estabelecerem bibliotecas gratis para o público. O primeiro decreto (Public Libraries Act) dando poder às autoridades locais para estabelecerem bibliotecas, foi assinado em 1850. Desde então, tem havido outras leis dando maior expansão a estes decretos, e assim as bibliotecas na Grã-Bretanha têm progredido constantemente.

O povo da Grã-Bretanha tem, pois, justo orgulho nas suas bibliotecas populares que tão relevantes serviços tem prestado à causa da cultura. O primeiro benefício encontrado foi, evidentemente, o estímulo para a leitura; depois o despertar de interesses por determinados géneros literários.



Este cavalheiro, de regresso do trabalho, no seu caminho para casa, passa pela biblioteca e escolhe alguns livros — que os há de todos os assuntos e para todos os gostos



É à hora das compras que as senhoras donas de casa vão trocar os seus livros. Todos os habitantes da cidade podem utilizar a biblioteca gratuitamente

BERLIM

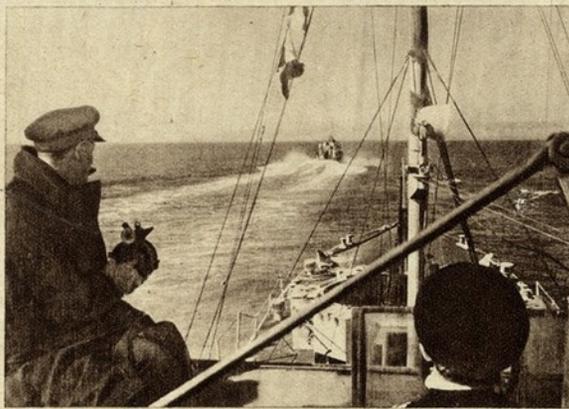
(Continuação da página 8)

nhou na transformação radical que se registou no teatro de operações ocidental já começou a ser revelado. Os pormenores da sua acção, que só o futuro desvendará, decerto, completamente, constituem um dos capítulos mais emocionantes da história desta guerra. Montgomery foi o homem providencial que deu, no momento oportuno, a réplica adequada à surpresa alemã e a fez malograr rapidamente. Decorridos dois meses, em meados de Fevereiro deste ano, os aliados passavam, por sua vez, ao ataque. As forças que tinham conseguido alinhar constituíam um conjunto impressionante. Nada menos de oito exércitos, divididos por três grupos, desde o Mar do Norte até à fronteira Suíça, preparavam-se para o arranco final. Em pouco mais de uma semana, este foi desencadeado, com pleno êxito. Em quinze dias a parte principal da sua tarefa podia considerar-se, plenamente realizada. Os alemães tinham atravessado o rio abandonando toda a sua margem ocidental.

No dia 7 de Março registou-se o acontecimento inesperado que havia de acelerar a progressão aliada. Um destacamento americano conseguiu apoderar-se da ponte de Remagen estabelecendo, na margem oriental uma sólida tes-

(Continua na página 29)

O SINAL N.º 100



Noite e dia, estes homens vigiaram os mares do globo. Bloquearam a Alemanha, destruíram a sua esquadra, afundaram os submarinos nazis e transportaram homens e munições para todos os continentes



Bandeira gloriosa

Agora, já tem algumas horas de merecido descanso. A guerra aproxima-se do fim e eles venceram



As metralhadoras anti-aéreas. Já não fazem fogo. A aviação alemã foi varrida dos céus



O comandante de uma esquadrilha de contratorpedeiros no seu posto de observação

PÁGINA FEMININA

DE AURORA JARDIM

PARIS ESCREVE-NOS E MANDA DIZER QUAIS SÃO OS PORMENORES MAIS EM VOGA

WORTH — apresenta um *tailleur* côr de coral, em que o casaco tem a aba mais comprida à frente do que atrás e separada; desce cêrca de um palmo.

MOLINEUX — *tailleur* de fazenda preta, para jantar. Que-rendo adaptá-lo para *petit-scir*, prega-se nas bandas uma guarnição tôda em flôres miudinhas, salpicadas de lantejollas.

NINA RICCI — corpo de vestido de baile formando absolutamente a linha de um *soutien* todo bordado a canutilho. Para cima, lule e pequenina gola camisiêiro. Sem manga.

LANVIN — pequena *pélerine* em casacos leves, inteiramente guarnecida de pregas finas.

MAGGI ROUFF — grande profusão de xadrezinho, principalmente, em preto e branco, mas também noutras côres. Capas curtinhas da altura de um bolero.

BALENCIAGA — manga curtíssima, formada apenas pelo que fica de um corpo cortado em quimono. Grande profusão de drapados, na saia sôbre as ancas, mais fazendo ressaltar a extrema delgadez da cintura.



Um saia-e-casaco para a tarde, a que a nota do laço, na frente, dá juventude



Dois vestidos de meta estação, qual dêles o de mais requintado gôsto, que o Harper's Bazaar nos mandou para as nossas leitoras

Receitas para conservar o amor

— Evitar grandes intimidades no dia-a-dia habitual. Cada um se arranjará no quarto de banho, por sua vez. Nunca lá estarão juntos.

— Manter sempre uma barreira de delicadeza, de cortesia e de respeito mútuo.

— Tudo se pode dizer mas nem tudo se deve dizer.

— A mulher deve arranjar-se tanto para estar em casa como para sair. O sorriso, a boa disposição, constituem armas que nunca deve depôr.

— Estudando bem o marido, ela verá que êle possui, àcêrca da mulher, um certo ideal.

— Esforçar-se-á por ser, em tudo, êsse ideal.

— No casamento, há dias maus, vazios, «de queda». Estudar a causa e remediá-la.

— Cada dia, é um dia novo: tudo pode recomeçar.



Como vêem, este casaco abotoa atrás com uma gola que lembra a dos nossos marinheiros



Ês um conjunto de rara distinção para passeio ou para o teatro



ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

Para assombrar os outros...

Como toda a gente sabe, o «surrealismo», teve em todas as capitais da Europa, aqui há uns vinte anos, mormente em França, grande influência no espírito de jovens e inconformados artistas ávidos de «novo». Essa nova expressão de arte revelou poetas, pintores e dramaturgos.

Jean Cocteau, impetuoso fumador de ópio, foi escritor francês que maior relevância teve: «surrealista» imprimiu nos seus versos, às suas novelas e até às suas produções teatrais.

Salvador Dalí fez publicar, ainda não há muito, uma laudatória auto-biografia a que deu o nome de «A vida secreta de Salvador Dalí». Este «surrealista» foi amigo do infeliz poeta Garcia Lorca que, diga-se de passagem, não comungou nos seus conceitos de arte.

Dalí está actualmente na América do Norte. Foi, porém, irredimido do grupo «surrealista».

Cocteau, informando publicações estrangeiras, colaborou ostensivamente com os alemães.

Dalí, partirá de Nova York para a Espanha. Quando uma audaciosa caminhada nos domínios da arte parece excessivamente penosa, muitos dos seus iniciadores voltam quasi sempre para trás.

Livros da Quinzena

“Jogos de água”

ERNANI DE MELO VIANA, autor do livro «Jogos de água» agora publicado, e que supomos ser o seu primeiro trabalho literário dado à estampa, dá-nos a consoladora esperança de que as suas futuras obras serão dignas de incondicional louvor.

Ficariamos de mal connosco, e nem o poeta nos perdoaria a insinceridade se aqui lhe dissessemos que o seu tomo de versos era sua máxima ambição de artista.

Não. Ernani Viana, não será, quanto a nós, um poeta perfeito nestas suas primícias literárias. Mas, se-lo, disso estamos certos, em futuras obras.

Não têm estas linhas de simples referência a pretensão de um juízo dogmático. Antes reflectem modo de julgar, embora erradamente. Tão pouco envolvem a subtilidade de uma opinião disfarçada, maneira que, aliás, não é do nosso agrado e, menos ainda, está nos nossos hábitos.

Que «Jogos de água» são um livro banal? De modo nenhum. Admitimos até que, paradoxalmente, possui esta virtude: é moderno sem ser modernista. O que faz sua diferença. E com isto só lucra o poeta.

Se nas suas redondilhas o autor é, por vezes, de uma natural intenção graciosa e melancólica, nos sonetos o seu estro poético, parece-nos, atingiu mais alto voo.

«Restos da romaria» e «Descampado», entre outras, são produções de belo poder descritivo e de expressão formal clara e perfeita.

Um livro de filosofia histórica

HÁ assuntos históricos que, conforme os anos passam, vão ganhando oportunidade. Quando existe na História um corpo vivo, um significado de exaltação humana, os factos decorridos, que são, aliás, o fulcro vivificante do relato, não sucumbem sob o pó envilecedor dos séculos mortos.

A uma coisa o verdadeiro historiador não poderá fugir: pôr de parte simpatias ou afinidades. Quem descreve a História, embora o descritivo seja impregnado de leveza literária, deve, quanto a nós, ter sempre a coragem de uma verdade irrefutavelmente documentada. Nalguns casos, o historiógrafo assemelha-se ao médico quando toma entre as mãos o bistrui.

José de Arruela, brilhante figura do foro e não menos admirável temperamento de escritor, não cessa, e ainda bem, de estudar, esclarecer e demonstrar na forma clara e desasombrosa da sua prosa os factos que constituem a expressão básica da nacionalidade portuguesa.

Mais: José de Arruela não recusa desagravar a quem for, nem escreve para louvar o que está ou aquele.

Neste seu último livro, «O Equilíbrio Peninsular» (dez invasões espanholas) o ilustre escritor, expõe nas duzentas páginas da sua obra, a evolução da política peninsular, e a sua influência, através de séculos, que assinalaram a formação da nossa unidade étnica, económica e política.

Essas demonstrações não as faz José de Arruela, ligeiramente. Fá-las com a certeza e a irrefutabilidade que conseguiu após o conhecimento de valiosos documentos históricos, que, vem a ponto dizer, são de grande utilidade. Pois, a leitura de «O Equilíbrio Peninsular», enuncia, na sua filosofia histórica, grandes ensinamentos — alguns tendentes a evitar perigosas aproximações.

Sem intenção profética ficamos, contudo, com a certeza de que ao «Equilíbrio Peninsular», vai suceder o mesmo que às outras obras do autor: isto é, esgotar-se rapidamente.

“Vida”

PUBLICA-SE no Rio de Janeiro uma esplêndida revista que além do seu interesse histórico e literário, insere actual reportagem iconográfica acerca da guerra e de outros assuntos palpitantes do nosso século.

Intitula-se essa publicação, «Vida», e tem ainda a valorizá-la um curioso suplemento informativo sobre as actividades intelectuais da Polónia.

“Casa de Branca de Gonta”

BRANCA DE GONTA foi uma brilhante figura das nossas letras. Os seus versos, a despeito de estarem amarelados pelo tempo, como é elegante dizer na apreciação da obra dos poetas que não são de recentíssima fôrma, ainda guardam vivo o espírito da Poesia.

Não necessita a memória de Branca de Gonta, esta pública declaração que, por nos parecer justa, nos é gostoso escrever.

Passam as modas dos toucados, os ditos de giria muito usados em meios requintados, os chapéus femininos exuberantemente floridos e outros hábitos e costumes, porque são coisas fúteis.

Não desaparecem, porém, as obras literárias quando afirmam um temperamento, reflectem uma interção de bondade e de beleza ou projectam a claridade de uma quimera inacessível — todo o mundo espiritual que torna bela a poesia e a eterniza. Isto é, quando um universo perfeito, na imaginação espiritual do poeta, dá à vida uma ilusão de felicidade.

Branca de Gonta, teceu a sua obra poética de esse mundo irreal de bondade e beleza. Dêste modo, cremos, a acção destrutiva do tempo não atingirá o intuito dos seus versos; pois, a poesia não pode ser julgada cronologicamente, e só cairá em desuso quando o indivíduo deixar de sonhar e não sentir a ansiedade que o martiriza e o torna superior aos outros seres.

Pensa-se agora, e achamos louvável a iniciativa, na fundação da «Casa de Branca de Gonta». Permittimo-nos, no entanto, observar o seguinte: Deve haver todo o cuidado na homenagem a prestar ao alto espírito da Poetisa e não confundir espectacularidade com elevação consagradora. Porque nem todas as homenagens constituem maneira superior de preitar um artista.

E estamos certos de que não será esta a intenção das pessoas que tão simpáticamente lançaram a ideia de homenagear a memória da Poetisa.



Tem apenas 11 anos e já é pianista de reputação mundial. Chama-se Elisabeth Vernon-Powel e é solista da Orquestra Sinfónica de Londres. Gosta de ler o seu cão

UMA NOVELA

VESTIDO DE BAILE

de ANTÓNIO DA CUNHA DE SAMPAYO

A Júlia acabara a sua educação na escola-asilo, para onde fôra protegida pela sr.^a viscondessa — que morava naquele casarão, à esquerda, ao pé do prédio velho onde Júlia e a mãe habitavam nas águas-furtadas.

E, nesse dia, D. Marta dissera à filha:

— Olha, Júlia, logo vamos à sr.^a viscondessa para agradecermos todo o bem que nos tem feito! E aproveitamos a trazer mais umas roupas que lá tem para eu consertar.

Júlia disse que sim. A sr.^a viscondessa é que deviam o que de melhor na vida tinham auferido: A educação de Júlia na escola-asilo e o respectivo dotezinho, e o trabalho caseiro que dava para D. Marta.

Fora disso, enquanto Júlia esteve internado, D. Marta poderia contar os dias em que teve de preparar as suas refeições. Ao meio dia, uma criada da viscondessa batia à porta das águas-furtadas e lá deixava um cabazito que, à passagem, punha na escada um chisrinho a comida de ricol... E tantas outras coisas. D. Marta e Júlia mantiveram sempre a decência da sua indumentária, graças ao guarda-roupa da viscondessa.

— Estás uma senhora, Júlia!... E não tens nada a agradecer-me!... Vejo-te as boas maneiras, a gratidão — bem paga estou!... — E para furtar os mãos aos beijos reconhecidos de Júlia, escondia os dedos longos no pêlo do stamã, que padre de mimo, tingia arranhar o decote da viscondessa.

D. Marta não sus'tinha as lágrimas silenciosas, que falavam alto.

E a viscondessa continuava.

— Agora, vais ajudar muito a tua mãe, não é verdade?... Até que te apareça o príncipe encantado... Mas, até lá, veremos como Deus determina o futuro. Eu tenho ali para a D. Marta, mais umas coisitas para se entreter! — E apontava para um tabuleiro com variadíssimas peças de roupa, sobre uma arca. — E para ti, Júlia, mando-te logo à tarde papel que ali teicho, para tirar este risco de toalha de chá. Será melhor dar-te algum dinheiro imediatamente; poderás comprar as meadas de bordar; guardas o trô: que depois encontraremos em contas!... Gostei muito de te ver! Estás com a pele bonita, mimosa... Precisas de um bocadinho mais de côr!... Na tua idade, essa brancura é palidez!...

— Lá no asilo, eu andava a tomar umas injeções. No mês passado, fizeram-me até uma radiografia!... — Dizia Júlia, a tossir, discretamente, para a gola do casaco.

A viscondessa não deixou D. Marta levar o tabuleiro da roupa. A criada levá-lo-ia à tarde.

Os meses iam passando.

Júlia já não podia acompanhar a mãe, aos domingos, à missa. Dia e noite, na cama, onde aquela palidez a levava, olhava para D. Marta que, sentada numa cadeira junto dela, cosia roupa da casa da viscondessa.

As águas-furtadas galavam na nu-

dez das paredes, do espaço — com a ausência da máquina de costura, de vários móveis e coisas, que dantes enfeitavam a pobreza interior do aposento.

Qualquer remédio custava uma fortuna. Os ovos, o leite, a carne eram outros problemas que se resolviam com mais um sacrifício no pe-nhorista.

...E o tempo, ia passando — a gastar as pessoas e as coisas!

Num fim de dia baço e frio, a criada da viscondessa levou à D. Marta um vestido de baile. Era necessário passar a ferros seus milhetos folhos. A sr.^a viscondessa levá-lo-ia depois de amanhã à recepção, na Embaixada. Esperava-o pronto antes do jantar desse dia. Recomendava particular atenção.

D. Marta pendurou numa cruzeta o vestido de baile, com mil cuidados, depois de revestir a parede com dois jornais.

A noite cisís lenta, pesadamente. E, à medida que Júlia tossia, ia tingindo

(Continua na pág. 30)



CREME
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE



Academia
Científica
de Beleza

AVEN. DA LIBERDADE, 35
TELEF. 2.1866 — LISBOA

Os produtos de beleza

Rainha da Surgéria

PARA PELES NORMAIS, EMBELEZAM, REJUVENESCEM E ETERNIZAM A MOCIDADE

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTO DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

"Lâminas

boas e baratas"

A qualidade não é coisa impossível nas lâminas de preço modesto — como lho certificará quem quer que empregue as Nacet. Nacet: significa uniformidade — todas as lâminas, de cada pacote, são boas, barbeiam suavemente. As Lâminas Nacet tornaram-se muito populares entre os possuidores de máquinas de 3 furos, devido às suas qualidades.

LAMINAS "NACET"

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

COMO O
QUE ME
APETECE!



Foi-se a flatulência

Saboreie a comida sem medo dos efeitos dolorosos subsequentes. Ponha ponto no sofrimento causado pela indigestão, gases e ardores, tomando Magnésia Bisurada. Uma colher de chá de pó ou 2 a 4 comprimidos neutraliza rapidamente o excesso de ácidos e acaba com as perturbações do estômago.

DIGESTÃO ASSEGURADA
com
**MAGNÉSIA
BISURADA**

Venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15800 e 23800.

ANUNCIAI NO
Mundo Gráfico



**Qual a
Senhora**
que recusaria
**15
anos**
de
Felicidade?

Q

A melhor passagem da vida é o verão triunfante da mulher, que vai dos 30 aos 45 anos... desde que os cabelos brancos não transformem aquela bela estação num outono prematuro.

Os cabelos brancos envelhecem-na e fazem de V. Ex.^a uma senhora de idade, apesar do seu rosto, do seu corpo e do seu coração serem sempre jovens.

Cabelos brancos! já hoje não se vêm, porque com a tintura **IMÉDIA-ORÉAL** toda a senhora pode fazê-los desaparecer facilmente e assegurar uma juventude mais feliz do que a primeira.

GRÁTIS: — Por combinação especial com os representantes toda a leitora desta revista pode obter a brochura documentária ilustrada «O Segredo da Felicidade» (edição portuguesa) bastando pedi-la directamente aos Agentes de L'ORÉAL 88, Rua da Assunção, Lisboa. Não mande dinheiro.

BERLIM

(Continuação da página 25)

ta de ponte que foi rapidamente explorada. Em 15 de Março a travessia do Reno começou a ser feita em força. A penetração no território alemão ia fazer-se com uma velocidade desconcertante.

Em 15 de Abril a totalidade do território alemão compreendido entre o Mar do Norte e as fronteiras do Reich com a Suíça e a Itália estava ocupada. Os ingleses encontravam-se às portas de Bremen. Os americanos tinham alcançado até à fronteira checoslovaca.

Em quatro meses a fase da guerra mudou completamente. Os exércitos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos fizeram a demonstração irrefutável de que a sua eficiência militar suposta vantajosamente ou paralelos mais exigentes com qualquer máquina militar por muito aperfeiçoada que esta seja.

A PRINCESA NA GUERRA

(Continuação da página 2)

daquela organização, que tão grandes serviços tem prestado nesta guerra. Foi num Centro do

Sul da Inglaterra que a Princesa Elisabeth recebeu instrução de condução e de mecânica. Nas fotografias que ilustram a nossa página, vêmo-la entre as suas camaradas dos Serviços Auxiliares trabalhando na reparação de ambulâncias.

MUSEU RENOVADO

(Continuação da página 13)

tos. Pois o Museu de Arte Contemporânea assim modificado,

limpo, claro, luminoso, é um lugar atraente de contemplação; e a arte é a expressão da vida que maior culto deve merecer. Quer lhe seja prestado por um espírito superior quer lho preste o mais humilde dos homens. Até nisto a arte é diferente de todas as outras coisas que o homem pratica.

Com isto pretendemos apenas afirmar que a recente reabertura do Museu foi um trabalho fervoroso e que pela intenção artística que revela através de um espírito moderno e construtivo, merece o incondicional aplauso de todos os portugueses amigos da arte.

Em tempo de guerra

(Continuação da página 20)

Eram estas algumas das mudanças que mais se notavam nas estradas da Grã-Bretanha em guerra. Antes do conflito tinha ela, tanto em número como em superfície, algumas das melhores estradas do mundo. Isto ficou provado pelo facto de que, depois de cinco anos de guerra, durante os quais estas estradas têm recebido poucas reparações, estão em condições quasi tão boas como quando a guerra começou. Mas, como seguem ainda as antigas estradas romanas, caminhos da idade-média, e estradas de coches do século XVIII e XIX, não são capazes de suportar os pesos do transporte moderno.

Um grande plano já foi elaborado para reformar o sistema de estradas britânicas que não só lhes permita de satisfazer as necessidades do tráfico, como aproveitar também as belezas naturais dos itinerários. A Grã-Bretanha pensa nos dias futuros em que irá passear de automóvel sobre estradas melhores e mais bonitas.

“Figuras da Literatura Inglêsa”



por AUGUSTO RICARDO

Augusto Ricardo, escritor e poeta de requintada sensibilidade, é um caso especial na Literatura portuguesa. Só o estudo do Homem, que não cabe nestas notas de notícia, poderia justificar a afirmação. Mas da leitura da sua obra, alguma coisa resalta do seu temperamento de artista — o artista integral, que compreende o «sente» o Homem, na sua longa e árdua caminhada para qualquer parte, para onde ele se sinta verdadeiramente Homem. É, especialmente, nas suas poesias, ao mesmo tempo amargas e mordazes — que a amargura sugere, a mór parte das vezes, o comentário cáustico e incisivo, brutal muitas vezes — que a personalidade de Augusto Ricardo é mais vincada, mais evidente.

E, nem podia deixar de ser, num escritor que é, simultaneamente, crítico de rara envergadura intelectual.

Augusto Ricardo publicou, agora, outro volume: “Figuras da Literatura Inglesa”. O autor esclarece, no prefácio, os intuitos da obra, que não são de profundas análises psicológicas ou críticas. Antes, procura fazer sério trabalho de divulgação, levando ao leitor português, que as desconhece, algumas das principais figuras da literatura britânica, como Elisabeth Browning, Charles Dickens, Rudyard Kipling, Ruskin, Carlile, Milton. E a virtude do trabalho está, precisamente, no facto de, na meia dúzia de páginas dedicadas a cada escritor, Augusto Ricardo ter dito o bastante da sua personalidade e da sua obra e, sobretudo, ter sabido despertar o interesse irresistível de se vir a conhecer, mais de perto, esses grandes construtores de Arte da Literatura da Grã-Bretanha.

HERPETOL

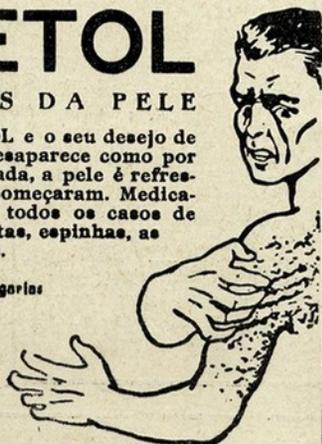
PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

El vende em todas as farmácias e drogerias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



A SOLUÇÃO DE 'FOTO-CRIME'

SEGUNDO o depoimento de Mrs. Hilary, a aia de Lucille, esta encontrava-se de pé quando a faca foi lançada da porta — que estava o catorze pés do corpo da vítima (ver fig. 3). Quando Cobbe observou que a lâmina havia penetrado no corpo, de baixo para cima (ver fig. 3), reparou que Mrs. Hilary mentia. Nenhuma faca atirada a uma distância de catorze pés contra uma pessoa que esteja de pé pode penetrar daquela forma. Por isso, é evidente que a faca foi lançada em direcção horizontal ou num plano de baixo para cima.

Apertada no interrogatório, Mrs. Hilary confessou-se autora do crime, movida pelo desejo de roubar as joias de Lucille.

MÃE FRANCESA

(Continuação da pág. 23)

meira na Vida, no Amor e na conduta do seu povo!"

E assim foi. Madame de Rilac partiu. A vida valia um beijo dado por uma mãe na face dum garoto. Iria de terra em terra mendigar carinho para os orfãos, para as pobres crianças abandonadas.

Morreu faz hoje um ano, em Grenoble, quando falava a um homem na odisseia de todo o povo. Uma bomba caíra no largo e madame de Rilac sucumbira imediatamente. Com um sorriso nos lábios. Com os olhos abertos ao céu. Fôra-se a sua obra magnífica no mesmo instante em que pensava na próxima libertação. Deixá-lo. As crianças que ela acarinhara e a adoravam ficavam para continuar o seu pensamento.

VESTIDO DE BAILE

(Conclusão da pág. 28)

o lenço de côres encarnadas, que arrancavam lágrimas a D. Marta.

Foi longa a noite. O hemostático acabara-se. Na Assistência, só haviam mandado ir na outra terça-feira. A tosse de Júlia não abrandava e as notas de vermelho no seu lenço aumentavam sem ter fim!...

Quando chegou a manhãzinha, enquanto Júlia num sono entrecortado repousava, D. Marta foi a casa da viscondessa. Tinha saído, só regressaria amanhã — disseram-lhe.

D. Marta passou pelo prestamista. Querida apenas mais vinte escudos em tôdas as cautelas. Era só até amanhã. Tinha de ir à farmácia. O empregado disse-lhe que tudo estava no máximo dos máximos — que até já não eram garantias bastante. Que não podia emprestar-lhe mais.

D. Marta abandonou o penhorista, desolado. Ao passar junto à farmácia, as lágrimas toldaram-lhe a vista. Mal podia enxergar. Atormentada na sua ideia — parecia-lhe que tudo tossia!...

Voltou a casa. De mansinho, para não despertar Júlia, pegou no vestido de baile e escovou-se pela sombra da escada das águas-furtadas, para o

prestamista! E, passado um quarto de hora, regressava como hemostático. Júlia, falou-lhe:

— Já foste entregar o vestido à sr.ª viscondessa?... Não dei pela tua saída, nem pelo barulho do ferro... Que cuidado tiveste mãezinha... E eu que te não posso ajudar...

D. Marta desarrolhava o frasco do remédio, a esconder os olhos — e as lágrimas corriam-lhe e perdiam-se nas malhas negras do seu casaco de lã esburacado. E, a outra noite, lenta, de calvário, sucedeu outro dia incerto, ensombreado!...

D. Marta, pelo dia adiante, foi várias vezes a casa da viscondessa que não regressara ainda. Por fim encontrou-a. D. Marta explicou então à viscondessa a acção que praticara:

— A Júlia não parava com a tosse... O remédio custava vinte escudos... A sr.ª viscondessa perdê-me, não me queira mal... Não tinha mais nada de que me valer... Olhava em redor e só via o vestido de baile...

Quando à porta da casa da viscondessa D. Marta a esperava, o filho da vizinha que deixara de vigília junto de Júlia apareceu-lhe, trémulo, de olhos marejados. D. Marta nada lhe perguntou. Ele nada lhe disse!...



O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em tôdas as casas, Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em tôdos as farmácias do País. — Escudos: 1\$500

ESTOMAGO ACIDO

Sente-se mal disposto?
2 Rennie's
Deixam-no composto



UMA DOR



2 RENNIES



UM SORRISO

Uma indigestão ácida pode atirá-la abaixo. Mas coração ao alto — existe um excelente remédio! Nunca ouviu falar das Rennie's? Certamente que sim! Pode trazê-las na algibeira ou na malinha de mão. Elas tratam da indigestão num ápice, assim que elas se manifestam.

As Rennie são embrulhadas separadamente, para se poderem trazer soltas na algibeira ou na malinha de mão. De sabor agradável, chupam-se como rebuçados. Primeira uma, depois mais outra. É fácil! Não lhe parece?

Bastam 2 minutos para as Rennie neutralizarem o excesso de ácido. Náuseas, dores, sensação de queimadura, flatulência — tudo desaparece num att!

Quando for tomar a sua próxima refeição fá-lo á com appetite. Compre um pacote ainda hoje, na sua farmácia e traga alguma Rennie sempre consigo.



Um soluçar forte e incontido estremecia-a tôda — precisamente no momento em que a viscondessa chegava com um embrulhinho na mão, que, entregando-o a D. Marta, acrescentava:

— Vá, D. Marta, não chore... O vestido de baile não tem importância... Leve isto para a Júlia!...

D. Marta, então esindo de joelhos no mosaico do vestibulo, em reprimido pranto, devolveu o embrulhinho, sjuntando:

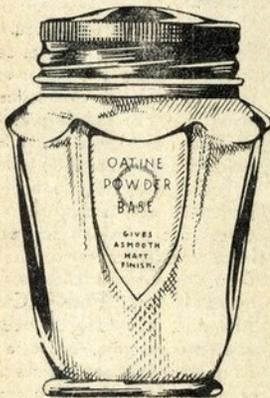
— Já de nada mais precisa a minha Júlia, sr.ª viscondessa!...

OATINE

Os célebres cremes ingleses (OATINE CREAM, OATINE SNOW e OATINE POWDER BASE) de fama Mundial, que restauram e mantêm o encanto juvenil da pele

Perfumes
Sabonetes
Pó d'Arroz
Lavender Water
Crema de BARBA

À venda nas casas da especialidade



Com NIVEA
podeis trabalhar sem receio

Graças ao Creme Nivea as mãos das donas de casa sujeitas a todos os trabalhos não se estragam. A noite e depois do trabalho caseiro, deve cuidar-se das mãos com Nivea para que fiquem sempre macias e lisas. Mesmo que a pele seja seca e dura, o uso de Crema Nivea torna-a aveludada.



Deposito:
Pestana, Branco & Fernandes Lda
39, Rua Sapateiros, Lisboa

Preço desde
6\$00

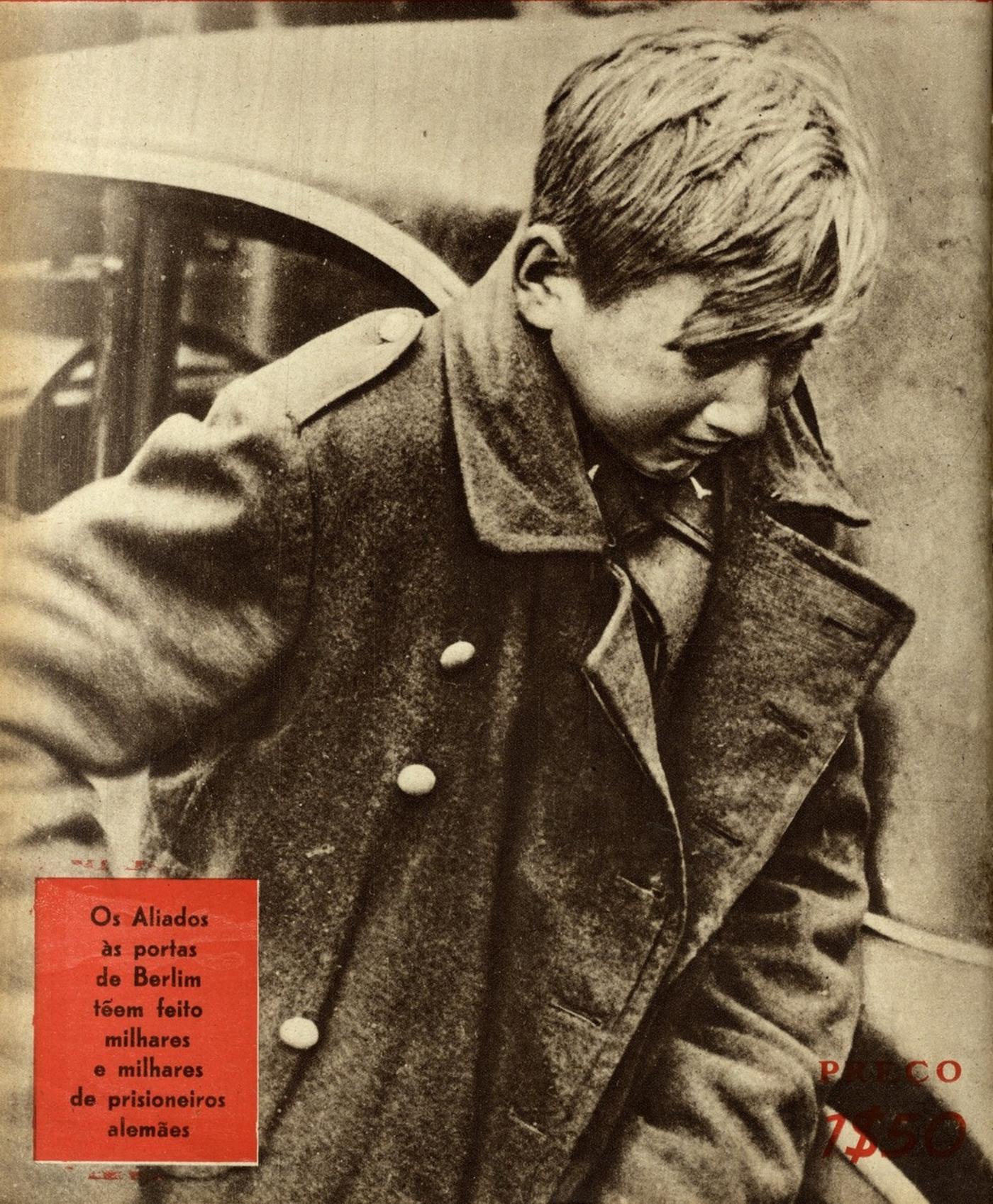


A VOZ DE LONDRES
FALA E O MUNDO
ACREDITA



Personagens ilustres do Império britânico falam ao microfone da B. B. C. de Londres: Em cima, são John Curtin, Primeiro Ministro da Austrália, e o marechal Smuts, Primeiro Ministro da União Sul Africana; em baixo, Vicent Massey, Alto Comissário no Canadá

MUNDO GRÁFICO



Os Aliados
às portas
de Berlim
têm feito
milhares
e milhares
de prisioneiros
alemães

PREÇO
7,50